



**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**LINHA DE PESQUISA: TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E PROCESSOS DE
URBANIZAÇÃO**

**ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM UMA PERSPECTIVA
SOCIOECONÔMICA: O CASO DO BAIRRO DA AGROVILA,
SAPÉ/PB**

TÂNIA DANTAS DE LUNA

GUARABIRA – PB

2011

TÂNIA DANTAS DE LUNA

**ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM UMA PERSPECTIVA
SOCIOECONÔMICA: O CASO DO BAIRRO DA AGROVILA,
SAPÉ/PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia, do Centro de Humanidades “Osmar de Aquino”, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia, sob orientação do professor Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa.

GUARABIRA – PB

2011

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB**

L961o Luna, Tânia Dantas de

Organização do espaço urbano em uma perspectiva socioeconômica: o caso do bairro da Agrovila Sapé - PB / Tânia Dantas de Luna. – Guarabira: UEPB, 2011.

35f.: Il. Color.

Monografia - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa”.

1. Urbanização 2. Impactos Sociais 3. Políticas Públicas I. Título.

22. ed. CDD 711.4

TÂNIA DANTAS DE LUNA

**ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM UMA PERSPECTIVA
SOCIOECONÔMICA: O CASO DO BAIRRO DA AGROVILA,
SAPÉ/PB**

BANCA EXAMINADORA

Francisco Fábio Dantas da Costa

Professor Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa – Orientador
Departamento de Geografia da UEPB

Edvaldo Carlos de Lima

Professor Dr. Edvaldo Carlos de Lima – Examinador
Departamento de Geografia da UEPB

Rafael Fernandes da Silva

Professor Ms. Rafael Fernandes da Silva – Examinador
Departamento de Geografia da UEPB

Aprovada em 07 de DEZEMBRO de 2011.

GUARABIRA – PB

2011

DEDICATÓRIA

Dedico esta Monografia primeiramente a Jesus Cristo, pois sem Ele, nada do que foi feito teria sido concluído, e a minha querida família pelo apoio que sempre me reservou.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu Deus, por tudo que Ele fez e sempre esta fazendo por mim. Por ter me proporcionado fazer este tão maravilhoso curso, onde consegui adquirir muitos conhecimentos e ver novos horizontes que antes não podia lhes imaginar.

A minha amada família, a minha mãe, meu pai e minha vovó querida, e os meus irmãos Júnior e Thays, que me apoiaram e me ajudaram sempre que precisei.

Ao meu orientador, professor Fábio, que me ajudou e me mostrou todas as etapas para construção deste trabalho.

Aos professores da banca examinadora, que aceitaram participar da avaliação deste trabalho, dando contribuições valiosas para o seu aprimoramento.

A todos os professores do curso de Licenciatura em Geografia que, de uma maneira ou de outra, passaram um pouco de seus conhecimentos, para que construíssemos nossos próprios saberes também.

Aos meus colegas de curso que, de uma maneira ou de outra, sempre contribuíram para conclusão do mesmo.

Enfim a toda família UEPB, o meu muito obrigado por tudo!

Sumário

RESUMO	IX
ABSTRACT	X
Introdução.....	11
Metodologia	12
Capítulo 1 – Referencial teórico	13
1.1 Aspectos gerais da urbanização europeia.....	13
1.2 O desenvolvimento das cidades brasileiras.....	15
1.3 Aspectos da paisagem urbana no Brasil	18
Capítulo 2 – Caracterização do Município de Sapé.....	20
2.1 Reconstrução em linhas gerais do histórico do bairro da Agrovila	21
2.2 Perfil socioeconômico da população do bairro da Agrovila	23
2.3 A Associação Comunitária do bairro da Agrovila.....	27
2.4 A expansão e os principais problemas enfrentados na Agrovila	28
2.5 O papel do poder público.....	30
Considerações Finais	32
Referências Bibliográficas	33
APÊNDICES.....	35

LISTAS DE TABELAS, GRÁFICOS, FIGURAS E FOTOS

TABELA

Tabela 1- Índice de mortalidade em alguns países europeus	14
Tabela 2 – Brasil: população rural e urbana	16
Tabela 3 – Dinâmica da população no município de Sapé / PB, entre os anos de 1970 á 2010.....	21

GRÁFICO

Gráfico 1 – Crescimento populacional urbana de algumas cidades européias (1700 – 1950)	14
Gráfico 2 – Nível de escolaridade no bairro Agrovila	25
Gráfico 3 – Nível de renda da população do bairro Agrovila	26

FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização da cidade de estudo, Sapé/ PB.	20
---	----

FOTOS

Foto 1: Aspecto do bairro da Agrovila.....	22
Foto 2 (canto superior esquerdo): Igreja Evangélica; Foto 3 (canto superior direito): Mercearia e Foto 4 (inferior): Posto de Saúde.....	23

Foto 5 (lado esquerdo): Frente da creche do bairro e Foto 6 (lado direito): Interior da mesma.	24
Foto 7 : Horta da cidade de Sapé, localizada no bairro da Agrovila.	24
Foto 8: Vista parcial de um dos locais mais perigosos do bairro da Agrovila.	27
Foto 9: Entrada para a favela do bairro.	28
Fotos 10 a 14: Imagens de alguns pontos do bairro da Agrovila.	29
Foto 15 (superior): Acúmulo de lixo nas proximidades da horta.	30
Fotos 16 e 17 (abaixo): Lançamento de esgotos domésticos nas proximidades da horta.	30

43 – GEOGRAFIA

Linha de Pesquisa:

Transformações Econômicas e Processos de Urbanização

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM UMA PERSPECTIVA SOCIOECONÔMICA: O CASO DO BAIRRO DA AGROVILA, SAPÉ/PB

AUTORA: Tânia Dantas de Luna

ORIENTADOR: Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa

BANCA EXAMINADORA: Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima

Prof. Ms. Rafael Fernandes da Silva

RESUMO

O grande impulso da urbanização ocorreu a partir do desenvolvimento industrial na Inglaterra no final do século XVIII, se estendendo para outros países do velho continente no início do século seguinte. No Brasil, esse fenômeno espacial se concretizou a partir da segunda metade do século XX, durante a fase do amadurecimento industrial promovido pelo Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek (1955-1960): em um país onde parte de sua população era predominantemente rural, houve uma grande explosão dos espaços urbanos. Assim, muitos migraram para as cidades em busca de novas oportunidades de trabalho e novas perspectivas de melhorar de vida. Este trabalho tem como principal objetivo, compreender a organização do espaço urbano em uma perspectiva socioeconômica, no bairro da Agrovila, Sapé – PB. Para isso foram feitos estudos e pesquisas sobre os principais aspectos da urbanização, desde suas origens até os dias atuais, identificando assim os processos acelerados em torno das organizações espaciais em áreas da cidade. Para a compreensão desse fenômeno, uma série de autores foram consultados durante a pesquisa bibliográfica: CLARK, 1985, Engels 1985; Capuano, 2000; ANDRADE, 2004; FERRARI, 2004; Carlos, 2007; Spósito, 2011 entre outros. Eles foram imprescindíveis para o entendimento do surgimento das primeiras cidades, tanto européias como brasileiras, sua dinâmica, suas contradições internas e seus impactos na paisagem (aparecimento das áreas formais e informais). A partir daí procurou-se analisar o bairro da Agrovila, desde as suas origens até o processo atual de organização espacial no interior da cidade de Sapé, dando ênfase ao perfil socioeconômico dos seus moradores, aos principais problemas enfrentados por eles e o que poder público tem feito para minimizar essa situação.

Palavras - chave: Urbanização; Impactos sociais; Ações do poder público.

ORGANIZATION OF URBAN SPACE IN A SOCIOECONOMIC PERSPECTIVE: THE CASE OF THE DISTRICT OF AGROVILA, SAPÉ / PB

ABSTRACT

The big push of urbanization occurred from the industrial development in England in the late eighteenth century, spreading to other countries of the old continent at the beginning of the next century. In Brazil, this space phenomenon has resulted from the second half of the twentieth century, during the ripening of the Industrial Plan Goals promoted by the Kubitschek government (1955-1960): In a country where part of its population was predominantly rural there was a big explosion of urban spaces. Thus, many have migrated to cities in search of new job opportunities and new perspectives to improve their lives. This work has as main objective to understand the organization of urban space in a socioeconomic perspective, in the neighborhood of Agrovila, Sapé - PB. Were made for this study and research on key aspects of urbanization, from its origins to the present day, thus identifying the processes accelerated around the space organizations in areas of the city. To understand this phenomenon, a number of authors were consulted during the literature search: CLARK, 1985, Engels 1985; Capuano, 2000; ANDRADE, 2004; FERRARI, 2004; Carlos, 2007; Spósito, 2011; among others. They were essential for understanding the emergence of the first cities, both European and Brazilian, its dynamics, its internal contradictions and its impacts on the landscape (appearance of formal and informal areas). From there we tried to analyze the neighborhood of Agrovila, from its origins to the current process of spatial organization within the town of, Sapé emphasizing the socioeconomic profile of its residents, the main problems they face and what the government has done to minimize this situation.

Keywords: Urbanization, Social Impacts, Actions of the government.

Introdução

O processo de urbanização desencadeou uma série de problemas no cotidiano das cidades. Segundo Santos (1993, p. 97), a “organização interna de nossas cidades, grandes, pequenas e médias, revela um problema estrutural, cuja análise sistêmica permite verificar como todos os fatores mutuamente se causam, perpetuando a problemática.”

Sabe-se que o grande impulso da urbanização ocorreu a partir do desenvolvimento industrial na Inglaterra no final do século XVIII e se estendeu para outros países do velho continente no início do século seguinte.

No Brasil, esse fenômeno espacial se concretizou a partir da segunda metade do século XX, durante a fase do amadurecimento industrial promovido pelo Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek (1955-1960): em um país onde parte de sua população era predominantemente rural, houve uma grande explosão dos espaços urbanos. Assim, muitos migraram para as cidades em busca de novas oportunidades de trabalho e novas perspectivas de melhorar de vida. Esse fluxo migratório, no entanto, revelou aspectos contraditórios, como destacou Santos:

Ao longo do século, mas, sobretudo nos períodos mais recentes, o processo brasileiro de urbanização revela uma crescente associação com a da pobreza, cujo *lôcus* passa a ser, cada vez mais, a cidade, sobretudo a grande cidade. O campo brasileiro moderno repele os pobres, e os trabalhadores da agricultura capitalizada vivem cada vez mais nos espaços urbanos. A indústria se desenvolve com a criação de pequeno número de empregos e o terciário associa formas modernas a formas primitivas que remuneram mal e não garantem a ocupação (SANTOS, 1993, p.10).

Assim, começaram a aparecer os problemas na estrutura das cidades, pois devido aos baixos salários recebidos pela classe trabalhadora, muitas famílias passaram a habitar espaços inadequados, com pouca ou nenhuma infra-estrutura. Sobre esse aspecto, Maricato (1999, p. 25) lembrou que “as periferias das metrópoles cresceram mais do que os núcleos centrais, o que implica um aumento relativo das regiões pobres.”

Foi na procura de entender a complexidade do crescimento urbano, notadamente das áreas periféricas das cidades, que este trabalho se propôs a

analisar em linhas gerais os desdobramentos deste processo, enfocando principalmente a organização do espaço urbano em uma perspectiva socioeconômica, o caso do bairro Agrovila na cidade de Sapé/PB.

O bairro Agrovila foi escolhido por se tratar de uma área suburbana relevante no contexto socioeconômico da cidade em questão. Neste local pôde-se observar diversos problemas sociais e ambientais, problemas estes que interferem na qualidade de vida dos seus moradores, entre eles destacam-se: a presença de moradias precárias, a falta de saneamento básico, a proliferação de doenças, a violência e o tráfico de drogas, etc.

Esta pesquisa teve como principal objetivo estudar a produção e organização do espaço urbano na cidade de Sapé, destacando a realidade observada no bairro Agrovila. Ela visou ainda entender o processo de formação do bairro, o perfil socioeconômico dos seus habitantes, os problemas mais comuns e o papel e as ações do poder público em relação a este espaço.

Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos:

- a) Leitura e fichamento de várias obras: *A Cidade e Espaço e Indústria*, de Ana Fani Alessandri Carlos; *A Urbanização Brasileira, Economia Espacial e Manual de Geografia Urbana*, de Milton Santos; *A Questão do Território no Brasil*, de Manuel Correia de Andrade; *Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade*, obra organizada por Ana Fani Alessandri Carlos e Amália Inês Geiger Lemos, entre outras;
- b) Pesquisas documentais feitas pela internet através dos sites do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e de outros órgãos públicos;
- c) Pesquisas documentais na Associação de Moradores do bairro;
- d) Pesquisas de campo, onde foi possível realizar entrevistas com moradores e elaborar um acervo fotográfico;
- e) Análise, tabulação e construção de gráficos a partir dos dados colhidos em campo.

Capítulo 1 – Referencial teórico

1.1 Aspectos gerais da urbanização europeia

A urbanização é um processo originado a partir da transferência de pessoas do campo para cidade. Mas, em linhas gerais, o que se entende por cidade? Na verdade, definir cidade é uma tarefa bastante complexa, tendo em vista que elas existem sob uma infinidade de maneiras, ou seja, sob um aspecto elas são um conjunto de imagens na imaginação humana, e sob outro são definidas precisamente como unidades estatísticas e espaciais (CLARK, 1985).

De acordo com Carlos (2007, p. 45), “a cidade enquanto construção humana, produto social, trabalho materializado, apresenta-se enquanto formas de ocupações. O modo de ocupação de determinado lugar da cidade se dá a partir da necessidade de realização de determinada ação, seja de produzir, consumir, habitar ou viver”.

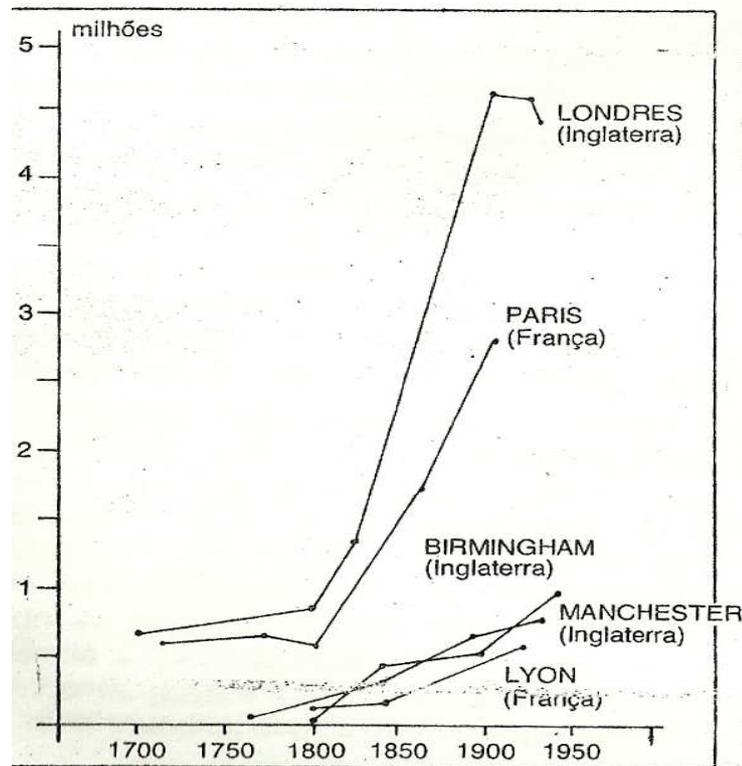
Segundo Ferrari (2004, p. 72), “a cidade é um espaço delimitado e contínuo, ocupado de forma permanente por um aglomerado humano denso e considerável em número, cuja evolução e estrutura são determinadas pelo meio físico, desenvolvimento tecnológico e modo de produção existente e cuja população possui status urbano”.

A urbanização moderna foi intensificada a partir da Revolução Industrial do final do século XVIII, cujos primeiros registros aconteceram na Inglaterra, se expandindo posteriormente para inúmeros países do velho continente. Este processo, no dizer de Engels (1985), provocou a aglomeração de milhares de indivíduos em bairros onde as condições de vida eram quase insuportáveis.

O gráfico e a tabela expostos a seguir, denunciam o acelerado ritmo de crescimento da população urbana, bem como as altas taxas de mortalidade. Observe que Londres e Paris possuíam pouco mais de 500 mil habitantes no início do século XVIII, atingindo, respectivamente, 4,6 e 2,8 milhões de habitantes no final do século XIX. Cidades como Birmingham, Manchester e Lyon, embora em proporções menores, também experimentaram notável crescimento populacional.

Gráfico 1

Crescimento populacional urbano de algumas cidades europeias (1700-1950)



Fonte: Extraído na íntegra de Spósito (1999, p. 52).

Por outro lado, as precárias condições de vida e trabalho eram responsáveis pelas elevadas taxas de mortalidade. Observe esse panorama em alguns países selecionados:

Tabela 1
Índices de mortalidade em alguns países europeus

Período	Inglaterra (País de Gales)	Alemanha	França	Holanda	Espanha
1871	21,4%	27,2%	23,7%	24,3%	30,8%
1901-1910	15,4%	18,7%	19,5%	15,2%	25,1%

Fonte: Extraído na íntegra de Spósito (1999, p. 50).

Na Inglaterra e no País de Gales, quase 100 anos após a revolução industrial, a mortalidade atingiu 21,4%, decrescendo para 15,4% no período 1901-

1910. Na Alemanha, os índices atingiram 27,2% em 1871 e 18,7% entre 1901-1910. Na França, a mortalidade alcançou 23,7% e 19,5%, respectivamente, no mesmo período.

De acordo com Spósito (2010 p. 49-50):

“Os índices acentua-se á medida que tomamos dados para as grandes cidades: a taxa de mortalidade em Paris era de 29,8% entre 1851 e 1855 e de 24,4% entre 1881 e 1885. Ainda há que se considerar que a mortalidade infantil era alta, e que na Inglaterra, por exemplo, na metade do século XIX, a mortalidade no meio urbano era 25% maior que no meio rural.”

E acrescentou ainda:

(...) A expressão dessa urbanização “seria ainda maior se não fosse a elevada taxa de mortalidade. Certamente essa urbanização correspondeu a movimentos migratórios campo-cidade, decorrentes de mudanças estruturais no campo nos séculos anteriores, face ao desenvolvimento capitalista, que deu ás cidades uma capacidade produtiva maior”. (SPÓSITO, 2010, p. 50).

1.2 O desenvolvimento das cidades brasileiras

As primeiras vilas e cidades do Brasil surgiram na porção litorânea para dar suporte ao sistema colonial, tendo em vista a necessidade de utilizar os seus portos para escoamento da produção. Entre elas, destacaram-se Recife e Salvador, por serem áreas onde o cultivo da cana-de-açúcar, se desenvolveu, bastante, devido suas condições climáticas favoráveis. É importante também lembrar que Salvador foi a primeira cidade do Brasil a ser reconhecida como capital (Andrade, 2004).

Na visão de Capuano (2000, p. 423), “Recife e Salvador foram duas grandes cidades a partir das quais se deram a conquista e a urbanização do Sertão nordestino”. Ou seja, a partir delas tropas de animais se dirigiam para o Norte e para o Oeste, em busca de terras mais distantes onde a pecuária ultra-extensiva pudesse se desenvolver. Essa atividade econômica, subsidiária á cana-de-açúcar, abasteceria as cidades litorâneas com alimentos e com animais de tiro (tração).

Mais tarde, com a introdução da cultura cafeeira no Sudeste do país, inúmeras cidades também se desenvolveram e outras foram surgindo. Introduzida inicialmente no vale do rio Paraíba do Sul, essa planta logo se expandiu em direção

ao planalto, alcançando a cidade de São Paulo. Apesar de todo esse progresso, pode-se afirmar que a urbanização no Brasil foi mais expressiva no séc. XX, sobretudo a partir da década 1950 quando o país atingiu a maturidade industrial, com a entrada do grande capital transnacional. Esse processo acentou ainda mais os desníveis entre as regiões.

De acordo com Santos (2008, p. 31):

“Entre 1940 e 1980, dá-se verdadeira inversão quanto ao lugar de residência da população brasileira. Há meio século (1940), a taxa de urbanização era de 26,35%, em 1980 alcança 68,86%. Nesses quarenta anos, triplica a população total do Brasil, ao passo que a população urbana se multiplica por sete vezes e meia. Hoje a população urbana brasileira passa dos 77%, ficando quase igual à população total de 1980”

Os dados expostos logo a seguir demonstram o grande crescimento da urbanização no país entre as décadas de 1940 e 1980:

Tabela 2
Brasil: população rural e urbana

Ano	1940		1960		1980	
	Rural	Urbano	Rural	Urbano	Rural	Urbano
Brasil	68,77	31,23	54,90	45,10	32,41	67,59
Norte	72,26	27,74	62,20	37,80	48,35	51,65
Nordeste	76,58	23,42	65,80	34,20	49,53	50,47
Sudeste	60,59	39,41	42,70	57,30	17,19	82,81
Sul	72,27	27,73	62,40	37,60	37,58	62,42
Centro-Oeste	78,49	21,51	65,00	35,00	32,21	67,79

Fonte: Anuário Estatístico do IBGE in Capuano (2000, p. 395).

Observe que os dados apontam para o processo de urbanização das regiões brasileiras. Nesse sentido é possível perceber o grande êxodo rural e conseqüentemente, o crescimento das cidades durante o período retratado. A região Sudeste foi a mais que se destacou dentre as outras, tendo em vista que na

década de 80 possuía cerca de 83% da sua população morando em cidades, como também as regiões Sul e Centro-Oeste que neste mesmo período atingiram 62,42% e 67,79% respectivamente. Diferentemente das regiões Norte e Nordeste que neste mesmo período possuíam apenas 50% de sua população vivendo nas cidades.

Sobre esse aspecto, Vesentini (1989), ressaltou que a intensa urbanização contribuiu para que as cidades mais importantes do país crescessem a um ritmo acelerado, tornando-se grandes metrópoles, dentre elas destacam-se: São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Salvador, Fortaleza, Recife, Porto Alegre, Curitiba e Belém. Isso teve repercussões negativas sobre o meio ambiente, pois todas elas foram crescendo sem planejamento e sem a infra-estrutura capaz de suportar a grande demanda populacional que necessitava de serviços públicos.

Ao tratar da realidade mais recente, Santos (2008) destacou que a complexa organização territorial e urbana do Brasil guarda profundas diferenças entre suas regiões. Em 1980, por exemplo, a região Sudeste era a mais urbanizada do país, com índice de 82,79%. Por outro lado, a região Nordeste exibia o menor índice de urbanização - 50,44%, número bem inferior a média brasileira que era de 65,57%.

Segundo Maricato (1999), a divisão do espaço urbano é determinada pela lógica da especulação fundiária, que por sua vez condiciona a distribuição das pessoas sobre ele. A organização desse espaço capitalista origina duas cidades: uma formal e outra informal. A cidade formal representa a parcela do espaço onde os investimentos públicos estão presentes na infra-estrutura e nos serviços (saneamento básico, pavimentação de ruas, eletrificação, escolas, hospitais, postos de saúde, delegacias, etc.).

Em contrapartida, a cidade informal é constituída pelos espaços irregulares, edificados sem grandes investimentos e sem planejamento, apresentando inúmeros problemas ambientais e notável diferença de renda. Com efeito, os atributos da cidade informal estão presentes no crescimento dos loteamentos irregulares, nas favelas e nas periferias das grandes cidades, originando espaços onde o uso do solo é marcado pela nítida separação de classes.

São Paulo representa um bom exemplo desse fenômeno, uma vez que em 1970 apenas 1% da sua área urbana era ocupada por favelas, número que cresce para 20% no ano 2000 (INSTITUTO CIDADANIA, 2000). Esse panorama também pode ser observado em inúmeras cidades do país, ou seja, até mesmo as pequenas cidades começam a conviver com problemas sociais próprios dos grandes centros metropolitanos (favelização, tráfico de drogas, violência, etc.).

1.3 Aspectos da paisagem urbana no Brasil

O processo de urbanização das cidades brasileiras é algo que nos leva a uma série de questionamentos e preocupações, pois trata-se de um fenômeno espacial complexo e dinâmico. Santos (2008, p. 11), vai levantar uma importante reflexão de como as pessoas se dividem nas cidades. Nesse sentido, ele responderá que cada indivíduo ocupará o espaço segundo os seus níveis de renda.

Como aparecem os bairros bons e maus? Próximos e longínquos? Por que os lotes bem localizados são caros e os mal localizados são mais baratos? Essas perguntas podem parecer tolas à primeira vista, porém, há por detrás delas muito mais do que podem aparentar. A cidade é feita pelo trabalho humano de gerações e gerações. A cidade não é um dado da natureza. A cidade é produzida (VILLAÇA, p.41, 1986).

De acordo com Rodrigues (2003, p. 14), "para morar é necessário ter a capacidade de pagar por esta mercadoria não fracionável, que compreende a terra e a edificação". Logo, percebe-se que a paisagem guardará formas e processos diferenciados que apresentam duas características: A uma cidade formal, planejada e ordenada de acordo com as ações do poder público e da iniciativa privada; e, por outro lado, cidade informal, produzida de maneira espontânea por grupos marginalizados que lutam por uma parcela desse espaço.

Assim a cidade vai crescendo repleta de contrastes e problemas, dentre eles o da falta de moradia adequada para as populações menos favorecidas economicamente.

Na opinião de Carlos (2007, p. 36), "a paisagem urbana vai se tornando em expressão de 'ordem' e de 'caos', manifestação formal de produção do espaço

urbano colocando-se no nível aparente e do imediato”. Isto demonstra que o processo de formação e crescimento destas cidades nem sempre se dá de maneira planejada, de modo que cada indivíduo procura autoconstruir seus espaços, surgindo entre estes, muitos bairros ilegais sem nenhuma infra-estrutura, denominadas geralmente de favelas.

Considera-se que as primeiras favelas surgiram no Rio de Janeiro logo após a Guerra de Canudos e em São Paulo por volta da segunda Guerra Mundial. Começam, no entanto, a ser mais “visíveis”, quando se expande o processo de industrialização. A partir da década de 50 passam a ser reconhecidos como “problema”. Problema este que, ao longo do tempo, tem sido visto de várias formas (RODRIGUES, 2003, p. 37).

Segundo Spósito (2010, p. 61), que além de conviverem com sérios problemas de saneamento e infra-estrutura, ainda enfrentam graus de exploração dentro das favelas pelos próprios “despossuídos”, ou seja, os que também habitam estas áreas, se encarregam de fazer sua “reprodução capitalista”, na medida que passam a cobrar aluguéis daqueles que não possuem residência própria.

Diante desse panorama, sobretudo nos grandes centros do país, percebe-se o grande palco da precariedade urbana. As favelas e os subúrbios crescem demasiadamente e aqueles que migraram para as cidades em busca de uma vida melhor se deparam com uma realidade dura. Para Steinberger (2007) muitos se acomodam a esta situação e passam a alimentar um processo denominado de globalização da miséria.

Nestes locais “há casa, casinhas, casebres, barracões, choças por toda parte onde se possam fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas”. Para a construção desses espaços os moradores utilizam latas, papelão, madeiras velhas, restos de telhas, folhas de zinco e para a sustentação das paredes de taipa utilizam pedaços de pau (VILLAÇA, 1986, p. 50).

Essas áreas são consideradas por muitos como locais habitados por marginais, por gangues armadas e por todo tipo de delinqüentes. No entanto, existem milhares de indivíduos que vivem e trabalham de maneira honesta, mas, no entanto, não possuem a cidadania completa, pois são esquecidos pelo poder público.

Capítulo 2 – Caracterização do Município de Sapé



Figura 1: Mapa de localização da cidade de estudo, Sapé/ PB.

Fonte: Extraído de ROCHA; OLIVEIRA; [ETAL]. (2008, p.5). Adaptado por Tânia Dantas.

Segundo a CPRM (2005), o município de Sapé possuía em 2000 uma população total de 47, 353 habitantes, e atualmente conta com 50.143 habitantes (IBGE, 2010). Ele está localizada na Microrregião de Sapé, estado da Paraíba. Sua área é de 316 km², representando 0.5605% do estado, 0.0204% da região e 0.0037% de todo o território brasileiro. A sede do município tem uma altitude aproximada de 123 metros, distando 40,9 km da capital.

O clima é do tipo Tropical Chuvoso com verão seco. O período chuvoso começa no outono, tendo início em fevereiro e término em outubro. A precipitação média anual é de 1.634.2 mm. A vegetação é predominantemente do tipo Floresta Subperenifólia, com partes de Floresta Subcaducifólia e Cerrado/ Floresta. O município de Sapé encontra-se inserido nos domínios das bacias hidrográficas dos rios Miriri e Paraíba, região do Baixo Paraíba (CPRM, 2005, p.5).

Tabela 3
Dinâmica da população no município de Sapé entre os anos de 1970 á 2010

População	Urbana	Rural	Total
1970	15,779	29,566	45,345
1980	23,372	27,534	50,906
1991	34,231	24,284	58,515
2000	35,516	11,837	47,353
2010	38.141	12.002	50.143

Fonte: *Elaborada com base em:*
 IBGE. **Censo Demográfico da Paraíba.** Rio de Janeiro: IBGE, 1970 à 2010.

Através dos dados é possível perceber o crescimento constante da população urbana do município. Que passou de 15.779, em 1970, para 38.141 em 2010. Por outro lado, a população rural sofreu um decréscimo vertiginoso, ou seja, de 29, 566 para 12.002 no mesmo período.

Segundo a CPRM (2005), observou-se um processo de urbanização desigual e desenfreado em várias partes da cidade de Sapé, culminando com aparecimento de favelas e assemelhados. O bairro Agrovila, objeto desse estudo, pode também servir de laboratório para os estudos da geografia urbana.

2.1 Reconstrução em linhas gerais do histórico do bairro da Agrovila

O bairro denominado “Agrovila” Deoclécio Moura Filho foi fundado no ano de 1980, no município de Sapé, na gestão do governador da Paraíba, Wilson Leite Braga, e do prefeito Deoclécio Moura Filho, com o objetivo de atender as necessidades básicas das famílias carentes que residiam nos povoados popularmente conhecidos por Cuba de Cima e Cuba de Baixo (segundo informação do Sr. Manoel de Araújo, presidente da associação dos moradores).



Foto 1: **Aspecto do bairro da Agrovila.**

Fonte: Tânia Dantas, 15/11/2011.

Já de acordo com os moradores, o bairro surgiu devido a necessidade de se construir uma pista que ligasse Sapé ao município de Cruz do Espírito Santo. E para isso tiveram que remover muitas famílias que ali habitavam, sendo as mesmas transferidas para a Agrovila.

Na época, a prefeitura concedeu ao estado os terrenos para a retirada dos moradores dos povoados citados anteriormente, que ocupavam aproximadamente 50 casas. As novas residências não foram totalmente doadas, pois eles tiveram que pagar uma taxa junto ao Banco do Brasil, que seria o órgão financiador.

Assim, o bairro foi crescendo e se expandindo de forma desordenada, fazendo com que em alguns locais surgissem habitações extremamente precárias. Segundo o presidente da associação, a Agrovila possui uma população com cerca de 2.000 moradores. Na verdade, as doações de terrenos pela prefeitura municipal contribuíram para atrair muitas pessoas de outros lugares.

2.2 Perfil socioeconômico da população do bairro da Agrovila

O bairro conta com oito ruas, uma Creche, uma Escola Estadual de Ensino Fundamental I, um Salão da Igreja Católica, uma Igreja Evangélica Assembléia de Deus e alguns pontos comerciais, além de estar localizado a duzentos metros do centro da cidade **(Fotos 2, 3 e 4)**.

Em visita a Escola Estadual de Ensino Fundamental Comendador Renato Ribeiro Coutinho, que está passando por algumas reformas, fui recebida pela diretora, Sr.^a Dilma, a qual informou que a unidade tem 28 anos de existência no bairro, atende ao nível fundamental I nos três turnos e atualmente conta com 160 alunos matriculados, quase todos do bairro. Ainda segundo a diretora, a escola possui 8 professores e material didático suficiente para trabalhar, apesar de não existir biblioteca, mas possui televisão, DVD na escola.

A creche do bairro da Agrovila funciona durante todo o dia. Ela possui 2 salas de aula, 2 professores pela manhã e 5 monitores na parte da tarde, contando com 73 crianças matriculadas. Em sua estrutura pôde-se perceber a presença de alguns recursos, como aparelhos de TV, Vídeo, DVD e Som. Para a diretora, Sr.^a Maria José, a instituição atende não só as crianças do bairro, como de outras partes da cidade e em breve passará por reformas **(Fotos 5 e 6)**.



Foto 2 (canto superior esquerdo): Igreja Evangélica; **Foto 3 (canto superior direito):** Merceria
Foto 4 (inferior): Posto de Saúde. **Fonte:** Tânia Dantas, 15/11/2011.



Foto 5 (lado esquerdo): **Frente da creche do bairro** e Foto 6 (lado direito): **Interior da mesma**.
Fonte: **Tânia Dantas, 22/11/2011**.

A fonte de renda dos moradores da Agrovila vem de pequenos estabelecimentos comerciais, empregos nas usinas de cana-de-açúcar e do plantio de hortaliças na “alagoinha”, local que existe desde a fase anterior ao surgimento do bairro (**Foto 7**).

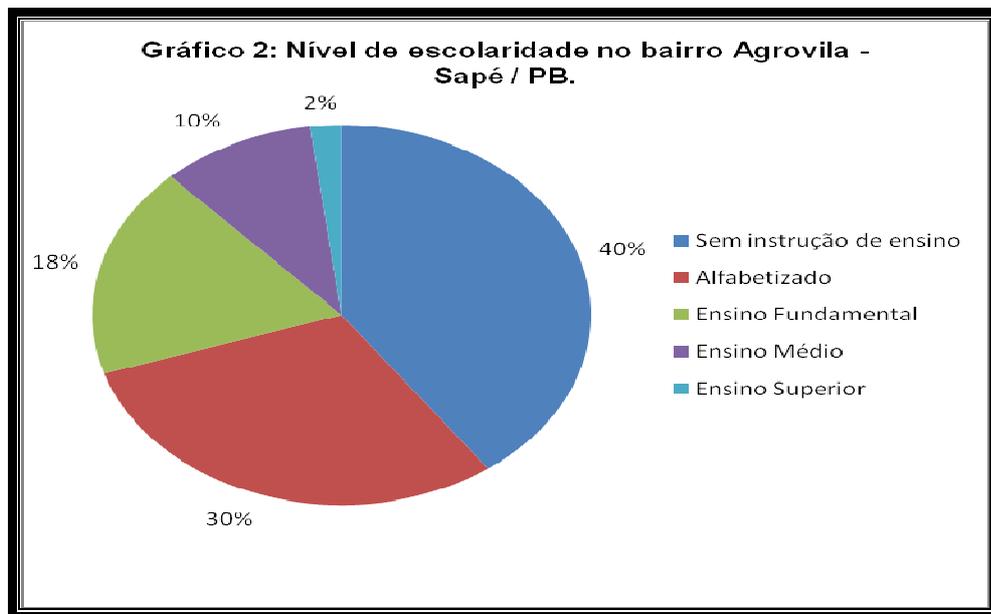


Foto 7 : Horta da cidade de Sapé, localizada no bairro da Agrovila.

Fonte: **Tânia Dantas, 15/11/2011**.

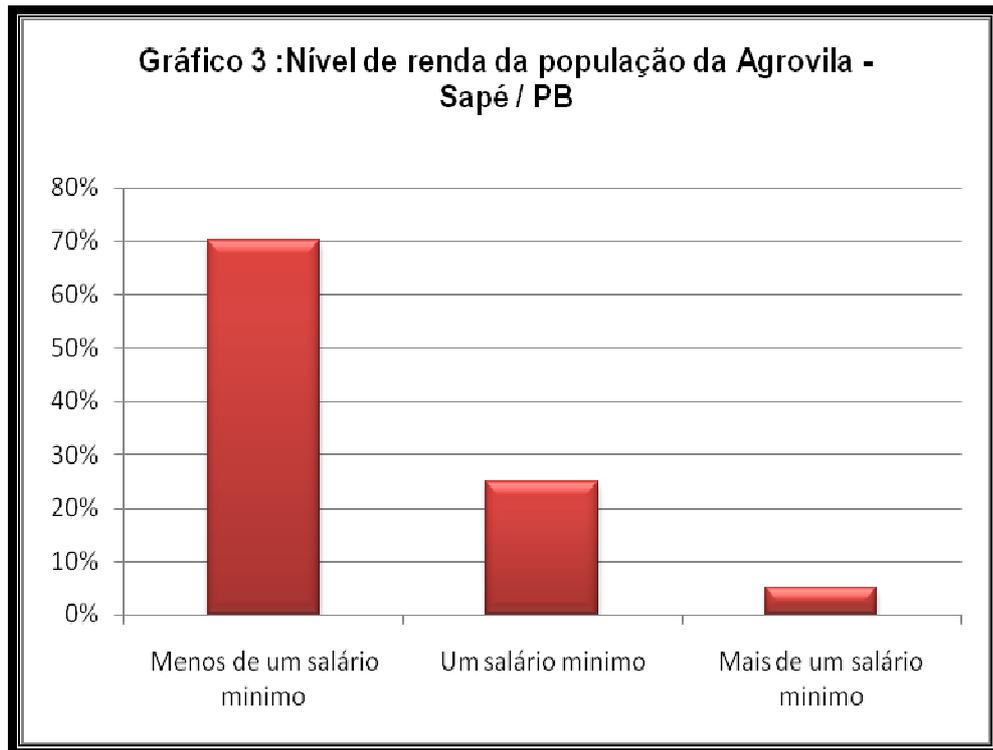
Esta horta serve como referencial para o bairro, devido a presença de uma grande área para o plantio de hortaliças, por exemplo: coentro, alface e até mesmo plantas medicinais como “atelã miúda”, entre outras. Essa produção abastece tanto a cidade de Sapé como outras cidades circunvizinhas.

Percebe-se que parte da população residente na Agrovila sofre sérios problemas socioeconômicos. Durante a pesquisa realizada constatou-se que alguns moradores, principalmente das áreas “faveladas” são apenas alfabetizados ou até mesmo sem escolaridade (**Gráfico 2**). A maioria das mulheres é mãe solteira, tendo três ou mais filhos para sustentar e muitas recebem apenas o bolsa família, “Programa Assistencial do Governo Federal”.



Fonte: **Dados das pesquisas de campo.**

O Gráfico acima representa o índice de escolaridade da população entrevistada no bairro da Agrovila, pelo qual identifica-se que parte considerável desta não tem nível de ensino algum, representando 40%. Trinta por cento dela é alfabetizada e 18% possui apenas o ensino fundamental, demonstrando o baixo nível de escolaridade no bairro.



Fonte: Dados das pesquisas de campo.

Já os dados expostos no Gráfico 3 revelam o baixo nível de renda da população da Agrovila, pois 70% dela sobrevive apenas com menos de um salário mínimo por mês, dinheiro insuficiente para suprir as necessidades básicas (alimentação, remédios, moradia e pagamento dos serviços de água e energia), demonstrando assim o grande índice de pobreza entre seus habitantes. Vinte e cinco por cento dos entrevistados afirmaram receber 1 salário mínimo por mês e 5% disseram que recebem mais de 1 salário mínimo.

A precariedade vai se alastrando por todas os lados, são casas de apenas dois cômodos que abrigam de 6 à 8 pessoas. São pessoas sem perspectiva, que nascem e crescem cercadas pela miséria e acabam se acostumando com a dura realidade. Muitos entram para o mundo do crime, da prostituição e das drogas e é nesse clima de medo que parte da população da cidade tem receio até mesmo de transitar pelo bairro, principalmente no lugar retratado na foto abaixo.



Foto 8: Vista parcial de um dos locais mais perigosos do bairro da Agrovila.

Fonte: Tânia Dantas, 15/11/2011.

É neste local que algumas pessoas afirmam funcionar pontos de venda e consumo de drogas, onde a marginalidade e o descaso crescem a cada dia. Segundo a própria população, a insegurança no bairro é muito grande e o índice de homicídios é elevado, de modo que a *lei do silêncio* predomina.

2.3 A Associação Comunitária do bairro da Agrovila

A Associação foi fundada em 26 de junho de 1987, com a função de desenvolver o bem social da comunidade. E após seu surgimento já teve quatro presidentes: o primeiro foi o Sr. Severino, o segundo foi o Sr. Albertino Tomaz da Silva, o terceiro foi o Sr. Evandro Galdino da Silva e o atual é o Sr. Manoel de Araújo. O mandato de cada presidente da Associação é de 4 anos, pelo qual eleito torna-se representante da comunidade perante o poder público. A entidade funciona em prédio próprio.

De acordo com Sr. Manoel de Araújo, a Associação promove ações em benefício da comunidade, como um projeto desenvolvido na escola que oferece